



REVISTA SENTIDOS DA CULTURA



Breve Sempre¹

Cronista deliciosa, quando escreve naturalmente, como Monsieur Jourdain fazia prosa sem o saber, romancista por vocação, com o espírito da narrativa e o dom coloquial, Lindanor Celina não é o estilo à procura do assunto, mas o assunto à procura do jornal ou do livro.

Dispensiva por natureza, irrequieta por temperamento, incapaz de fixar-se em coisa alguma, ou se fixando à sua maneira, é dessas pessoas que observam a vida e as coisas de passagem e vêem as paisagens e as almas como as via Lima Barreto, com os olhos fechados.

Assim, escreveu o seu primeiro romance, *Menina que vem de Itaiara*, tomando por cenário a cidade de Bragança, com a sua vida pacata e poética, onde as criaturas se arrastam com a lentidão do rio em frente, mas também com o mistério de suas águas profundas.

¹ **Breve Sempre**. Belém: Governo do Estado do Pará, 1973

Bragança mirou-se nesse romance, como alguém que se vê no espelho, mas as colegas da romancista, meninas de ontem, das mil diabruras na rua e na escola, não acreditavam que fosse ela, porém outra em sua pele, no caso, a sua pena.

Repetia-se a velha história, não sei se da Florentine, de quem as amigas da aldeia duvidavam da santidade porque fora sua vizinha e andava, como as outras, sobre a terra.

Depois, outro romance, novo romance: *Estradas do Tempo-Foi*. Aqui mudou o ambiente. Já não é a vida da província, mas a da cidade, num internato de freiras, onde os dramas são soturnos e as almas – mestras e discípulas – se consomem, se queimam a fogo lento. *Bref, passons...*

Agora, o terceiro romance, mais trabalhado, mais forte, mais seguro: *Breve Sempre*, com cenário novo, além dos mares, ou seja, esse Paris alucinado e alucinante, paraíso do corpo e inferno da alma, onde todos se acham e todos se perdem, todos se condenam e todos se redimem e a que todos nós também que o conhecemos lançamos um dia balzaquianamente o famoso desafio de Rastignac:

- *A nous deux, maintenant!*

É nessa atmosfera de santidade e pecado, de prazeres e dores, de sonho e pesadelo que se desenvolve a ação do romance, com a história de um amor proibido, de um amor repartido entre a terra e o céu.

Os personagens vivem a sua rapsódia amorosa por toda a velha Lutécia, na Gare Saint-Lazare, que inspirou o pincel de Monet; na rua de Vaugirard, o Val Gérard medieval, do abade Gérard de Moret, de Saint-Germain-des-Prés; no Jardim de Luxemburgo, onde vicejam ainda os olmeiros de Maria de Medicis e à cuja sombra Watteau e Verlaine amavam repousar.

É nesse mundo satânico e poético que Lindanor Celina apresenta esses personagens, com o drama emocionante, lancinante do amor impossível, que se converte por fim em ânsias incontidas, em desesperos insopitados, em dores incontrolláveis, em lágrimas que jorram a flux.

Tudo isso, porém, não fica abafado, sufocado num clima de tragédia shakespeariana, mas imerso num halo de poesia e doçura que arrasta o leitor de página a página, fazendo-o pensar, mas não estremecer.

E como a autora tem o segredo das confidências disfarçadas, acredito que reponte em seu livro, aqui e ali, como o risco no ar da asa de um pássaro, algo autobiográfico, se vale o conceito de Gide, de que o romance é mesmo o verdadeiro livro de memórias.

MACHADO COELHO²

² **Inocêncio Machado Coelho** (Belém/ 1909- Belém 2001). Foi jornalista, tendo atuado nos jornais *Estado do Pará*, *Folha do Norte* e *A Província do Pará*. Foi diretor do Museu Paraense Emilio Goeldi na década de 1940. Integrou a Academia Paraense de

UMA HISTÓRIA QUE FLUI

Antonio Olinto³

A multiplicidade de rumos do romance brasileiro contemporâneo é de dar dor-de-cabeça nos analistas que tenham a mania de unificação. Em cada fase de uma literatura surgem palavras- de- ordem que, proclamadas por uns poucos, devem, ser obedecidas pela maioria. O fenômeno atinge às vezes âmbito mundial e há palavras- de -ordem que nos mandam hoje, seguir o estilo narrativo, de por exemplo, Michel Butor. Há não muito um brasileiro que faz crítica esporádica – uma vez em três anos – disse-me que não lia mais romances **lineares**. O ter marcado **a priori** seu campo de ação – o único a merecer sua atenção - afastou-o das correntes da ficção contemporânea, e de tal modo que, numa conversa de meia-hora, descobri que desconhecia a quase totalidade dos bons romances publicados no mundo a partir de 19675. Pois foi a partir de 1965 que, por ter criado e por dirigir o Prêmio Nacional Walmap de então até hoje (o quinto se acha em vias de solução neste começo de segunda metade de 1973), pude, nesse período, ler nos originais cerca de mil romances brasileiros não publicados. Muitos o foram posteriormente (calculo que, dos trabalhos concorrentes, pelo menos quatrocentos encontraram o caminho do livro impresso) e são hoje parte dessa variedade ficcional de que falei no começo. No meio de uma espantosa diversidade temática e estilística, há nesses romances uma unidade brasileira. Claro que, no caso, é uma unidade nacional de língua e de espírito, com uma dissimilitude que vem da continentalidade do País. Assim, no primeiro Walmap, o ambiente do Piauí, do romance *Beira Rio Beira Vida* de Assis Brasil, nada tinha a ver com o mundo da **Trilogia de Catarina** com que Alina Paim tirou o segundo lugar. De **Jorge um Brasileiro**, de Osvaldo França Jr., a **Um Nome para Matar**, de Maria Alice Barroso, a diferença é grande, aquele explorando as novidades rodoviárias do Brasil, com um estilo de ligeireza também rodoviária, esta focalizando Miracema, burgo fluminense que põe pra funcionar tal qual Faulkner fazia com sua cidade no Mississipe. Assim, o Walmap,

Letras (APL), o Conselho Estadual de Cultura e o Instituto Histórico e Geográfico do Pará.

³³ Antônio Olinto Marques da Rocha (Ubá (MG)/ 1919 - Rio de Janeiro (RJ), 2009). Quinto ocupante da cadeira nº 8, foi eleito em 31 de julho de 1997, na sucessão de Antônio Callado e recebido em 12 de setembro de 1997 pelo acadêmico Geraldo França de Lima. Recebeu o acadêmico Roberto Campos..

que teve o apoio inicial de José Luiz de Magalhães e foi levado à frente por Eduardo Magalhães Pinto, sob o patrocínio do Banco Nacional, apresenta um panorama do Brasil numa década inteira, visto sob o prisma de uma verdade: a verdade da ficção.

O Amazonas apareceu no Walmap em muitos romances, tendo Paulo Jacob, escritor de Manaus, tirado menção especial no segundo e o segundo lugar no terceiro. Também no terceiro, Lindanor Celina, de Belém, conquistou menção, honra que tornaria a ter no IV Prêmio Nacional Walmap, julgado em 1971, com o romance **Breve Sempre**, motivo deste prefácio.

Breve Sempre não é romance da Amazônia. E, contudo, não deixa de o ser. O que Lindanor Celina conta nele é a história de uma brasileira em Paris. Diga-se, desde já, da dificuldade de se escrever romance com ambientes estrangeiros. Principalmente para escritores nascidos no Brasil, País que dispõe ainda e ainda disporá a mais de um século à nossa frente, de uma variedade de assuntos que não nos puxa para fora (o que desejo dizer é que, no caso por exemplo da literatura inglesa, que tinha um império à sua disposição, era natural que surgissem livros com bases geográficas variadas, e que um Graham Green pudesse colocar uma história na Sierra Leone, outra na Indochina, outra no Congo e outra em Cuba: os ingleses andavam por toda a parte). Contudo, o Brasil começou, há não muitos anos, a se tornar presente no mundo. Seis mil brasileiros chegam por mês a Londres, mais de dez mil a Paris, quase vinte mil a Nova York. O Brasil exporta e, exportando, tem de mandar gente para o exterior. É, assim, natural que nossos romancistas comecem agora a escrever mais amiúde histórias passadas na Europa e nos Estados Unidos. Um dos bons livros que li, recentemente, foi de um jovem brasileiro narrando as suas andanças- quase como no *On the Road* de Jack Kerouac – pelas ruas de Londres, de Amsterdam, de Nova York e pelas estradas norte-americanas. Agora surge **Breve Sempre**, com Paris na base.

Paris, vista por Lindanor Celina, aparece de modo diferente do que era costume haver em romances mais antigos. Sua Paris é a de agora, do começo da década de 70. E é também uma Paris brasileira onde se fala português quase o tempo todo e onde uma pessoa não se sente muito afastada de Belém, Brasília ou Rio. Por muito que vivamos num tempo, nossa memória literária pertence a período anterior. A Paris que muito leitor tem na cabeça é uma cidade morta, a de Balzac, ou a de Zola, ou a de Proust, ou a de Mauriac ou a de Ehrenburg, ou a de Sartre, ou a de Robbe-Grillet – que todas estão

mortas mesmo as de Sartre e Robbe-Grillet. Há hoje outra Paris, a Paris pós- Mercado Comum que ainda não estava em romance e que talvez só um estrangeiro pudesse ver inteiramente à vontade. Esta é a Paris de **Breve Sempre**, cidade em que uma brasileira se movimenta, na pungência de seu caso de amor que termina e de amor que nasce.

É uma Paris brasileira por que nela os brasileiros se sentem em casa, como à vontade está o romance no descrevê-la. Para a narradora é como se fosse um burgo abrasileirado, e aí vejo uma vantagem, a de que pôde ela, assim, perceber-lhe o significado mais profundo. O modo como Lindanor Celina leva à frente sua obra é de romancista realizada. Não há nela, uma hesitação, uma parada de quem não sabe como continuar a narração- ao contrário, a história prossegue num ritmo solto, livre, contudo espesso, contido, num equilíbrio perfeito de quem vê quando é preciso prender, e quando soltar, a narrativa. Daí, a desnecessidade de capítulos, o romance flui sem divisões, sem interrupções, num fôlego, num hausto. **Breve Sempre** ganha, com isto, uma extraordinária cadência de beleza, o que é aumentado pela sabedoria repetitiva da autora, que sabe repetir palavras no momento em que a repetição dá mais efeito à narração. O recurso da dialogia – usar a mesma palavra em sentidos diferentes – não consegue, às vezes ser tão forte como a repetição pura e simples de que Gertrude Stein se tornou símbolo.

No imenso chão do Romance brasileiro de hoje, **Breve Sempre** passa a ter lugar de realce. Com ele vem Lindanor Celina reafirmar sua posição de romancista com que nossa ficção passa a contar, em sua arremetida para interpretar realidades de um País que se transforma e que tem missão a realizar no esforço de melhorar a literatura do homem de agora.

Londres, 22 de julho de 1973